

NEXOS INTERDISCIPLINARES ENTRE TEORIA CRÍTICA E GÊNERO: ASPECTOS FILOSÓFICOS, PSICOLÓGICOS E EDUCACIONAIS

Deborah Christina Antunes¹, Isabella Fernanda Ferreira²

Marilia Mello Pisani³ e Roselaine Ripa⁴

Resumo

Este artigo pretende realizar um debate sobre as diferentes abordagens teórico-metodológicas referentes aos artigos que compõem o Dossiê "Nexos Interdisciplinares entre Teoria Crítica e Gênero", fundamentando suas análises por meio da Teoria Crítica da Sociedade. O objetivo é pensar o que acontece quando a Teoria Crítica da Sociedade inclina-se para pensar os temas e problemas próprios aos estudos de gênero. Destaca-se, de antemão, a necessária abordagem interdisciplinar própria às pesquisas em torno das temáticas de gênero; assim como a interface entre estudos e pesquisas empíricas e debates epistemológicos implicados e engajados. Este artigo, no início do dossiê, irá não apenas fazer uma reconstrução da diversidade dos materiais que o compõem, mas também pensar criticamente sobre o que está em questão como possível unidade temática que atravessa os diferentes trabalhos. Pretende-se, assim, identificar os pontos de convergência que emergem, como hubs principais, dessa rede de debate em que se cruzam os nexos entre Teoria Crítica e Gênero, sobretudo, em seus aspectos filosóficos, psicológicos e educacionais.

Palavras-chave: Teoria Crítica, Filosofia, Psicologia, Educação, Gênero.

NEXOS INTERDISCIPLINARES BETWEEN CRITICAL THEORY AND GENDER: PHILOSOPHICAL, PSYCHOLOGICAL AND EDUCATIONAL ASPECTS

Abstract

This article intends to debate about the different theoretical-methodological approaches concerning the articles that compose the Dossier "Interdisciplinary Nexus between Critical Theory and Gender", basing its analysis through the Critical Theory of Society. The goal is to think what happens when Critical Theory of Society leans toward thinking about the issues and problems of gender studies. It highlights the necessary interdisciplinary approach proper to research

¹ Professora Associada do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, Líder do NEXOS Nordeste.

² Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Líder do NEXOS Centro-Oeste/Norte.

³ Professora adjunta de Filosofia no Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do ABC, líder do NEXOS - Sudeste.

⁴ Professora associada na Universidade do Estado de Santa Catarina, líder do NEXOS - Sul.



around gender issues; as well as the interface between empirical studies and research, and implicated and engaged epistemological debates. This article, at the beginning of the dossier, will not only make a reconstruction of the diversity of the materials that compose it, but also think critically about what is at issue as a possible thematic unity that crosses the different works. It intends, thus, to identify the points of convergence that emerge, as main hubs, from this network of debate in which the nexus between Critical Theory and Gender intersect, especially in their philosophical, psychological, and educational aspects.

Keywords: Critical Theory; Philosophy; Psychology; Education, Gender.

1. Apresentação - Nexos Situados em Teoria Crítica e Estudos de Gênero

Não posso falar de feminismo em geral. Falo do que faço como mulher dentro do establishment da crítica literária. (Gayatri Spivak, "Feminism and Critical Theory" [1978])

A proposta do Dossiê "Nexos Interdisciplinares entre Teoria Crítica e Gênero" foi a de fomentar o debate sobre teoria crítica e gênero menos a partir de definições prévias ou das polêmicas entre diferentes autoras e autores, correntes e gerações da chamada Teoria Crítica da sociedade, mas a partir dos modos de fazer pesquisa e de seus usos correntes em investigações específicas. Assim, lançamos um convite para que os ensaios e artigos fossem pensados nesta interface com os estudos de gênero, para que pudéssemos mapear e observar as diferentes perspectivas que estão sendo trabalhadas nesse momento em diferentes contextos e lugares. Esta é uma posição curiosa e investigativa, no sentido de querer descobrir o que vem sendo feito, testado, experimentado, o que evita a tomada de partido prévio sobre o que nós - as quatro pesquisadoras situadas em diferentes contextos e diferentes modos de habitar este debate - poderíamos esperar de antemão. O comum que nos une neste texto é o conjunto formado pelo encontro que este dossiê propicia, a partir de uma perspectiva plural na qual a forma de fazer pesquisa e de debater as questões que envolvem Teoria Crítica e gênero podem aparecer sem estruturas de coerção.

Por isso, os textos que selecionamos para este dossiê são resistentes a uma concepção única de Teoria Crítica ou de gênero, originária desta ou daquela tradição ou geração. Parece que, deste dossiê, emergem possibilidades de falar de uma nova geração de teorias críticas, em sua maioria feita por mulheres, e que pensam a partir de suas vidas e experiências situadas num país com uma história própria como o Brasil e com algum tipo de relação com os movimentos feministas. Isso significa que, se por um lado prescindimos de uma definição prévia de Teoria Crítica e gênero que poderia sustentar a unidade destes textos, por outro acreditamos e apostamos que a articulação deste conjunto diferenciado de reflexões e de pesquisas nos permitem ver algumas qualidades e características do que pode a Teoria Crítica quando se encontra com os estudos de gênero hoje.



Sabemos que a temática de gênero não estava presente como eixo central nas reflexões críticas da primeira geração de pensadores da assim chamada Escola de Frankfurt. Ela passa a aparecer sobretudo a partir da segunda e ainda mais na terceira geração. No entanto, parece que o conjunto de pesquisas reunidas neste dossiê nos aproxima da primeira geração em alguns sentidos: por causa do interesse e da mobilização de pesquisas empíricas e interdisciplinares; a importância crítica da psicanálise; as reflexões sobre educação em uma perspectiva social para além dos muros escolares; assim como o valor ético e político da crítica social pensado em termos de movimentos sociais, mais do que esfera jurídica ou políticas de reconhecimento. Mas seria redutor pensar estritamente nestes termos, porque os debates não se limitam a questões de gerações, como pontuamos. Por exemplo, no artigo "Negatividade no Reconhecimento: o debate entre Jessica Benjamin e Judith Butler", que compõe este dossiê, a filósofa Virginia Costa (2023) faz um trabalho cuidadoso para desentranhar um dos debates contemporâneos em torno da psicanálise, da Teoria Crítica e dos estudos de gênero, o que leva a problematizar as raízes binárias e heteronormativas das discussões sobre inter-subjetividade dentro da teoria do reconhecimento.

Neste sentido, acreditamos que este dossiê vai ampliar o escopo daquilo que entendemos como Teoria Crítica. Consideramos que podemos aprender com o feminismo enquanto prática e enquanto teoria. Toda tentativa de definir cânones dentro das áreas e a identidade de um conhecimento chega a um esgotamento quando testamos pensar estas práticas institucionais a partir das redes de poder e financiamentos ligados a uma estrutura de uma sociedade em si mesma desigual. A história está contida na forma e no tipo de conhecimento, de modo contraditório, não havendo, pois, neutralidade alguma. Tudo o que foi tirado, recusado, esquecido na história da produção de conhecimento, seja o conhecimento das mulheres e pessoas racializadas, seja a forma mesma de articular experiências históricas e situadas, pode emergir se abrimos espaço para uma tomada de posição ativa nos discursos e relações de poder institucionais. O feminismo, como um desdobramento político dos estudos de gênero, seria, por isso, não apenas uma epistemologia, mas uma ética e uma política e vice-versa. Testar novas formas de conhecimento seria, portanto, a abertura que esperamos levar a cabo neste dossiê

Assim, acreditamos que o ensaio da filósofa indiana Gayatri Spivak, "Feminism and Critical Theory" (1978), pode ser um grande inspirador para nossas práticas feministas na Teoria Crítica. Primeiro, pela recusa em falar de um feminismo em geral, de modo abstrato, e pela abertura de reconhecer que se fala a partir de onde se está e com responsabilidade máxima às perguntas e às respostas possíveis. Esta é uma ideia importante também no texto basilar de Donna Haraway, "Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial" (1995) que também nos inspira neste dossiê. Não falar do feminismo de modo abstrato significa reconhecer, para Spivak, que o discurso produz, em sua forma, os apagamentos necessários ao trabalho da razão (pós)colonial. Mas nem por isso ela abre mão de trabalhar com os pensadores canônicos da Teoria Crítica, ao contrário: é justamente pela

importância de Marx, Kant, Hegel e Freud que ela se dedica a estes autores tentando encontrar, dentro de seus argumentos e conceitos, o momento mesmo em que um apagamento perigoso acontece.

Esse é o trabalho que ela faz em sua obra magistral "Crítica da Razão Pós-Colonial: por uma história do presente fugidio" (2022), cuja crítica se apresenta como desconstrução de categorias. Aqui a categoria fundamental é a de "informante nativo", que para Spivak atua na hierarquização entre sociedades e culturas, sustentando o trabalho da colonização dentro das epistemologias e, mesmo, das teorias críticas. Já no texto "Feminism and Critical Theory" ela faz um movimento pontual de mostrar como Marx e Freud apagaram ("foracliúram", foreclosure) o útero, seja na discussão do trabalho não-produtivo e reprodutivo, seja na teoria da neurose e da histeria, o que a leva a problematizar os fundamentos mesmo das Teorias Críticas com as quais trabalhamos. Ao fazer isso, Spivak abre todo um novo campo de pesquisas feministas implicadas e situadas que, esperamos, este dossiê possa vir a fomentar.

Este, então, é o imenso e quixotesco projeto de crítica feminista com o qual quero me identificar. Se continuarmos a trabalhar desta forma, a moeda comum da compreensão da sociedade mudará. Acho que esse tipo de mudança, a cunhagem de dinheiro novo, por assim dizer, é necessária. Certamente acredito que este trabalho é complementado por pesquisas sobre a escrita feminina, pesquisas sobre as condições das mulheres no passado, e assim por diante. Mas também me parece que o tipo de trabalho que descrevi se infiltraria na academia masculina e refazer os termos de nossa compreensão do contexto e da substância da literatura como parte da empresa humana. (SPIVAK, 1978, p. 246).

Seguindo Spivak, sugerimos que os ensaios e artigos deste dossiê sejam lidos a partir da abertura que o encontro entre pesquisa empírica, interdisciplinaridade, estudos de gênero e teoria crítica podem propiciar, e que, destes trabalhos, um novo olhar para aquilo que fazemos como teoria crítica possa ser inventado. Acreditamos que as diferenças regionais importam nos modos de fazer pesquisas que se articulam com realidades locais e que tais realidades podem e devem ser pensadas, numa inter-ação responsável entre a universidade, o conhecimento e a sociedade, entre a teoria e a prática. Os três próximos subtítulos que constituem este artigo tentarão criar um recorte para mapear as questões emergentes nas diferentes regiões do Brasil em que as pesquisas foram realizadas, o que produz, ao mesmo tempo, um mapeamento temporal sobre difíceis tensões culturais e políticas.

2. Intersecções entre Mulher, Corpo e Fala: materialidades objetivas e subjetivas de violências no lar, nas instituições e nas redes sociais

Pesquisas com características de tipo bibliográfica, documental e de estudo de caso produzidas por pesquisadores e pesquisadoras que integram a Rede de Pesquisa "Nexos - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar" na regional Centro-Oeste, Norte e Nordeste brasileiros, assim, como de pesquisadoras parceiras



atuantes em instituições de ensino superior que também se localizam nessas regiões do território nacional, tem indicado uma intersecção temática: a existência de materialidades objetivas e subjetivas que desencadeiam uma ampla variedade de processos de violência física e mental contra as mulheres e que estão diretamente relacionados ao que garante a existência objetiva dessas mulheres no mundo: a saber, os seus corpos e as suas vozes. Tais pesquisas ainda nos indicam que essa ampla gama de violências acompanha a vida das mulheres desde a esfera mais micro social de suas vidas até a esfera macrossocial, ou seja, tais violências se manifestam desde o lar dessas mulheres no seio das suas próprias famílias, nas instituições sociais em que participam, como também, nas redes sociais. Os resultados de tais pesquisas se materializaram nos artigos intitulados: “Violência doméstica contra a mulher: narrativas de uma barbárie silenciada”; “O não lugar da mulher na atenção primária” e, “Educação Social e a caça aos corpos das bruxas no capitalismo contemporâneo: um diálogo filosófico crítico entre Adorno e Foucault”.

O tratamento analítico realizado aos dados coletados pelos artigos anteriormente citados, sejam esses bibliográficos, documentais ou resultados de entrevistas aplicadas aos sujeitos envolvidos nos processos de investigação, também engendram dentro de si mesmos, e entre si, intersecções epistemológicas que dizem respeito, de modo simultâneo, à crítica que a teoria crítica da sociedade estabelece a perspectiva positivista de ciência e, com a sua abertura no processo de diálogo entre diferentes correntes teóricas que também compartilham de críticas metódicas ao positivismo, ainda que de modos diversos. Tal amplitude de diálogos críticos é possível de ser evidenciada nos pensamentos dos autores e autoras: Raimundo Sérgio de Farias Júnior, Michele Seabra Portal, Camilla Araújo Lopes Vieira, Rita Helena Sousa Ferreira Gomes, Deborah Christina Antunes, Francisca Denise Silva Vasconcelos, Isabella Fernanda Ferreira e Rômulo Ballestê Marques dos Santos.

Uma das pesquisas realizadas por pesquisadores da rede de pesquisa “Nexos – Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar” na região norte do país, evidenciou que a violência cometida contra as mulheres está muito mais próxima do que se possa imaginar, pois, ela ocorre no espaço em que as vítimas consideram como sendo os seus lares e por sujeitos que compõe a sua família. A pesquisa realizada por Raimundo Sérgio de Farias Júnior e Michele Seabra Portal (2023) evidenciou por meio de dados empíricos que no Estado do Pará no ano de 2019 ocorreu um aumento significativo de 20% de casos de feminicídio. Hipotetizando que tal violência doméstica sofreria um aumento no período pandêmico, o artigo apresenta uma pesquisa de campo coletando dados por meio de entrevistas semiestruturadas. O interessante dessa pesquisa é que tais entrevistas são aplicadas a homens agressores que residem em uma comunidade específica na cidade de Belém no Estado do Pará. Tal pesquisa procurou ser coerente em termos teóricos e metodológicos com o pressuposto defendido por Adorno (1995) de que devem ser investigados os motivos pelos quais os agressores se tornam agressores e, procurar tais respostas nesses mesmos sujeitos. Apesar de não aplicar a escala do fascismo adaptada, os pesquisadores utilizam como aporte metodológico as técnicas para análise de

conteúdo propostas por Bardin (1979) seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados coletados e interpretação. Todas as etapas que foram construídas levaram em consideração os estudos sobre a personalidade autoritária desenvolvidos por Adorno (2019). A interpretação realizada pelos pesquisadores identificou o que eles denominaram de “discurso de ódio”. O interessante é que tais discursos de ódio veiculados pelos agressores são acompanhados de suas afirmativas sobre a existência de amor pelas vítimas agredidas. A pesquisa desenvolvida por Raimundo Sérgio de Farias Júnior e Michele Seabra Portal é importante no sentido de sinalizar que mais investigações devem ser realizadas junto aos agressores para que a estrutura patriarcal seja melhor elucidada em termos objetivos e subjetivos.

Além de sofrerem violências no âmbito micro dos seus lares, as mulheres passam por uma multiplicidade de violências nas diferentes instituições das quais fazem parte ou das instituições que necessitam para o atendimento de específicas demandas pessoais. A pesquisa desenvolvida por pesquisadoras da região Nordeste do nosso país nos dá um exemplo empírico no artigo “O não lugar da mulher na Atenção Primária”, escrito pelas pesquisadoras Camilla Araújo Lopes Vieira, Rita Helena Sousa Ferreira Gomes, Deborah Christina Antunes e Francisca Denise Silva Vasconcelos (2023). Procurando estabelecer relações entre questões de gênero, saúde mental e violências, o artigo oferece uma constatação empírica de que os encaminhamentos para Atenção Primária realizados para o serviço de psicologia aplicada da Universidade Federal do Ceará no campus de Sobral relacionados a diagnóstico de depressão e ansiedade possuem um número significativo de mulheres como pacientes. Tecendo “olhares” teóricos advindos da Filosofia, Sociologia, Psicanálise e Saúde Pública, as análises qualitativas das pesquisadoras denunciam que não existe um espaço para que ocorra a fala dessas mulheres na Atenção Primária do SUS, de que há uma sobrecarga de diferentes papéis e conseqüentemente de trabalho causando sofrimento e aprisionamento e, por fim, a violência nas instituições privadas e públicas que se estruturam em torno de suas próprias normas, conceitos e valores.

Para além das violências cometidas contra o corpo e a fala das mulheres no universo microsocial dos seus lares e das diferentes e múltiplas instituições sociais, o artigo “Educação Social e a “caça” aos corpos das “bruxas” no capitalismo contemporâneo: um diálogo filosófico crítico entre Adorno e Foucault” escrito pelos pesquisadores Isabella Fernanda Ferreira e Rômulo Ballestê Marques dos Santos (2023) – ambos, membros da rede Nexos de pesquisa na regional Centro-Oeste, problematiza que tais violências se dão como parte constitutiva e imanente do modo como a sociedade produz a sua existência material, isto é, violências como modo de produção. Nesse sentido, a pesquisadora e o pesquisador refletem e narram como os corpos das mulheres foram capturados na transição do sistema de produção feudal para o sistema capitalista contemporâneo. Se no período medieval o imperativo repressivo estava alicerçado no ideário de ocultamento dos corpos das mulheres, na contemporaneidade o imperativo se alicerça na exposição, sobretudo, com a mediação das tecnologias e das redes sociais virtuais e no narcisismo coletivo.

Um aspecto metódico interessante de tal artigo se expressa, por meio de uma pesquisa de tipo bibliográfica com abordagem qualitativa filosófica e, sobretudo, com uma intersecção metódica entre o posicionamento de Foucault (2010) pela busca da criação de dispositivos de investigação e o que Adorno em sua obra dialética negativa (2009) denomina de “prioridade do objeto”.

3. Questões de Gênero Difundidas em Discursos Midiáticos

Estudos sobre as relações entre “gênero e mídia” fundamentados em uma perspectiva teórico-crítica apontam para a necessidade de desvelar as construções ideológicas dos discursos propagados pelos diferentes meios de comunicação de massa. No dossiê, três artigos, que serão apresentados a seguir, contribuem para ampliar as discussões desta temática. São trabalhos resultantes de pesquisas sobre o discurso autoritário e conservador: em entrevista à Manuela D’Ávila no Programa Roda Viva da emissora brasileira TV Cultura; em comentários da página de Olavo de Carvalho na Rede Social Facebook; em cenas de Telenovelas da emissora Rede Globo de televisão.

As pesquisadoras Deborah Christina Antunes e Aline Rebouças Azevedo Soares (2023), vinculadas ao Nexos – Nordeste, contribuem com o artigo: “Mulher e Política: o Discurso Autoritário em Entrevista a Manuela D’Ávila no Programa Roda Viva de 2018”. Na ocasião em que ocorreu a entrevista, Manuela D’Ávila estava pré-candidata à Presidência da República pelo PCdoB – Partido Comunista do Brasil.

Para fundamentar as discussões sobre as relações de gênero na política, as autoras tecem aproximações com os estudos sobre o preconceito, realizados por Theodor W. Adorno e Herbert Marcuse, entre outros, no período de 1940 e 1950, e abordam três temas presentes nos trechos da entrevista a Manuela D’Ávila: comunismo/ditadura; machismos ou questões de gênero; estupro e castração química. Para entrevistar esta mulher jovem, mãe, feminista e comunista, a pesquisa revela, amparada na “Teoria Social Crítica” e na “Análise Imanente do discurso”, que os(as) interlocutores(as) convidados(as) para compor a bancada do Programa Roda Viva da TV Cultura utilizaram de técnicas e artifícios de ataque e descrédito ao discurso do outro, enquanto “o inimigo a ser combatido”, com manifestações verbais de autoritarismo, preconceito e intolerância, principalmente referentes às convicções políticas sobre o feminismo e o comunismo.

Durante a entrevista transmitida ao vivo, o discurso autoritário e por vezes agressivo dos(as) interlocutores(as), pautou-se na criminalização do comunismo e menosprezo à luta feminista, com interrupções constantes que buscaram deslegitimar a candidatura de uma mulher à presidência (ANTUNES; ALVES, 2023). Assim, ao desvendar o discurso autoritário e conservador que ecoou na bancada do Programa Roda Viva, as autoras denunciam a tolerância repressiva no Brasil, concernentes às expressões de machismo e misoginia na política brasileira. Indicam, ainda, a necessidade de ações combativas para garantia dos plenos direitos de ocupação, pela mulher brasileira, dos diversos espaços.



A análise da construção dos papéis de gênero no discurso conservador também atravessa o artigo de Celina Lerner (2023), resultado da sua tese de doutorado defendida na UFABC. Vinculada ao Nexos - Sudeste, a pesquisadora investiga os termos *mulher* e *homem* no discurso coletivo dos comentários postados na página do ativista de direita Olavo de Carvalho no Facebook, no período de 2014 e 2018. Para tanto, utiliza métodos de linguística computacional e criação de uma rede de palavras para identificar os contextos e os sentidos atribuídos no discurso conservador às palavras *mulher* e *homem*, apreendidas na relação com outras palavras.

Neste caso, portanto, o foco do trabalho não recai sobre a produção do ativista de direita, mas traz à tona o ideário mobilizado pela sua página, que ultrapassava meio milhão de seguidores. Partindo dos mais de 100 mil comentários, a pesquisadora mapeou os seguintes contextos/comunidades: “brasileiros & governo”; “mídia & política”; “juízes & política”; “fé & homem”. É neste último que os termos *mulher* e *homem* aparecem com mais frequência, acompanhados de palavras do vocabulário religioso cristão. Na discussão sobre os comentários à página de Olavo de Carvalho, a autora destaca que os enunciados distanciam dos homens “qualquer má qualidade ou má ação”, ao mesmo tempo em que há um impedimento de que as mulheres assumam “qualquer posição de sujeito” (LERNER, 2023). O sentimento negativo que acompanha o termo *mulher* denota, segundo a autora, o estranhamento e aversão ao outro que se manifesta em forma de misoginia subjacente à mentalidade conservadora.

O artigo “A importância da telenovela como recurso pedagógico no reconhecimento das identidades sexuais”, de autoria das professoras Gabriela Maria Dutra de Carvalho e Graziela Raupp (2023), direciona a discussão sobre o estranhamento e aversão ao outro para questões relacionadas à diversidade sexual e identidade de gênero. Integrantes do Grupo de *Extensão, Pesquisa e Ensino: Direitos Humanos, Cidadania e Diversidade*, da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), as pesquisadoras apresentam um recorte da investigação realizada durante o Doutorado na Universidade do Minho (Portugal). Para compor o trabalho, trazem para discussão os depoimentos de estudantes de licenciatura da UDESC, que interagiram em grupos focais sobre as cenas de diferentes telenovelas da Rede Globo de Televisão relacionadas à orientação homossexual.

A experiência das professoras com ações de extensão e pesquisas fundamentadas nas vertentes pós-estruturalistas envolvendo a temática da “Educação e Sexualidade” em espaços formais, articuladas às discussões sobre os Direitos Humanos, permite denunciar a negligência do tema na formação inicial e continuada de docentes para a Educação Básica (CARVALHO; RAUPP, 2023), em um país como o Brasil que reiteradamente assiste violências homofóbicas. Dessa forma, o artigo nos convida a ouvir o que o grupo de estudantes das licenciaturas da UDESC tem a dizer sobre os temas da autorrejeição e homofobia. E, também, nos provoca reflexões críticas sobre as possibilidades, os limites e as contradições do uso das telenovelas brasileiras - enquanto um artefato cultural ou produto das indústrias culturais -, para



provocar discussões sobre a diversidade sexual, em especial sobre orientação sexual. Permite, assim, apontar para a necessidade de um trabalho pedagógico, intencional e planejado sobre as questões de gênero difundidas nos discursos midiáticos.

4. Teoria Crítica como Prática

Além dos trabalhos de pesquisa empíricos, neste dossiê vamos nos deparar com uma qualidade inerente à produção de conhecimento teórico crítico que, por ser uma tradição que não desvincula teoria e práxis, e que reconhece o papel eminentemente prático das formas de pensar questões contemporâneas fundamentais, produzem modificações no clima cultural visando a uma transformação social dentro de uma perspectiva emancipatória. Nos artigos que vamos ver a seguir, tais questões fundamentais dizem respeito à ciência, à tecnologia e à educação, que invariavelmente estão na base de modo a estruturar e manter organização social.

Com contribuições fundamentais para pensar a ciência a partir de um novo paradigma feminista, em "Por uma ciência sucessora ecofeminista: uma crítica da dicotomia aparência-realidade subjacente", de autoria de Anastasia Guidi Itokazu, professora e pesquisadora da Universidade Federal do ABC e do Nexos - Sudeste, a autora mergulha na história da filosofia - de Parmênides até a Revolução Científica dos séculos XVI e XVII, de modo a ajudar a preencher uma lacuna na área. A partir da ideia de "estratégias descontextualizadas" de Hugh Lacy, a autora expõe as etapas do processo de supervalorização de determinadas metodologias científicas. Ao revisitar Feyerabend, ela se aproxima de sua crítica à busca, no ocidente, por uma realidade diversa da aparência - e aqui a a autora se aproxima do contexto da crítica feminista contemporânea da ciência, especialmente as críticas das dicotomias.

Para a autora, o conhecimento científico, do modo como tem se apresentado historicamente - especialmente em sua busca incessante por universalização - tem sido extremamente eficaz para o controle da natureza, a sua transformação em mercadoria, e a sua conseqüente degradação. E é exatamente no sentido oposto que se coloca a ciência sucessora ecofeminista, uma vez que ela opera não no sentido da destruição, mas da regeneração do planeta, não no sentido da dominação, mas da construção de melhores condições de vida para todos os seres que aqui habitam, humanos ou não.

Pensando a tecnociência, Giovanna Ramos Möller, filósofa, professora de filosofia e mestra em filosofia pela Universidade Federal do ABC, membro do Nexos - Sudeste, nos oferece uma reflexão aguçada com o seu artigo "Contra o determinismo tecnológico: um olhar anticapitalista e feminista à tecnologia", com parte dos resultados de sua pesquisa de mestrado em que analisou o fenômeno de uma inteligência artificial feminizada, um robô configurado a partir de características sociais consideradas "femininas" que, a partir de interações dentro de uma rede social virtual, começou a propagar discursos nazi-fascistas e racistas em menos de 24 horas (MÖLLER, 2023). A partir de um enraizamento crítico filosófico - e de uma leitura atenta da "Dialética do Esclarecimento"

(ADORNO; HORKHEIMER, 1985), a autora se propõe a pensar os limites e problemas da ideia de neutralidade na tecnociência e no "determinismo tecnológico" a partir de Andrew Feenberg e Judy Wajcman. Busca, com isso, elaborar uma interpretação anticapitalista e feminista das evoluções tecnológicas com o objetivo de somar forças no processo de politização da tecnociência e de desmitificação do progresso técnico. Não se trata, no entanto, de um texto pessimista. A autora busca, acima de tudo, o trabalho imaginativo e constitutivo, e o reconhecimento de possibilidades reais de emancipações que podem estar já existentes nos objetos tecnológicos, especialmente a partir do tecnofeminismo e sua busca por espaços de emancipação feminina já presentes nas tecnologias concretas. Dessa forma, para Möller (2023), com o desenvolvimento de um conhecimento pleno de tudo o que envolve o desenvolvimento e a racionalidade técnica, as mulheres teriam condições de criar novos trajetos mais seguros, e que verdadeiramente as levem a uma apropriação da técnica de modo que estas sirvam de fato a propósitos emancipadores dentro de seus mais variados contextos culturais e sociais.

Se teorizar criticamente o mundo é uma forma de práxis emancipatória, o artigo "O pensamento crítico de Angela Davis: notas para se pensar uma educação interseccional", de autoria de Alex Sander da Silva, professor e pesquisador da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) se realiza exatamente nessa direção. Propondo uma trajetória reflexiva, sua questão principal é em torno de como se poderia tratar o pensamento crítico da filósofa e ativista Angela Davis para realizar uma educação interseccional. Ele assume, de antemão, que Davis almeja a conexão de conceitos e perspectivas teóricas com a intenção de intervir e transformar a sociedade (SILVA, 2023), ou seja, sua teoria é transformadora por excelência. Procura, com isso, refletir a luta antirracista articulando as questões de raça, classe e gênero - numa aproximação e distanciamento da primeira geração de pensadores frankfurteanos. Para isso realiza três movimentos: a apresentação do pensamento de Davis a partir do que compreende como sua potência na atualidade e em articulação com o pensamento de Herbert Marcuse; a apresentação da interseccionalidade como categoria e seus elementos articuladores; e a potência desses elementos - a raça, a classe e o gênero - para uma verdadeira educação interseccional como estratégia política e intelectual de luta antirracista na atualidade.

5. Teoria Crítica Tradicional e Teoria Crítica Feminista: considerações finais

Para fechar as análises deste dossiê, escolhemos o artigo "A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e a desigualdade de gênero na área da filosofia" (2023). Este artigo coletivo, escrito por Silvana de Souza Ramos, Beatriz Sorrentino Marques, Carolina Araújo e Juliana Ortegosa Aggio, professoras de filosofia de diferentes departamentos do país, é muito interessante para um dossiê de Teoria Crítica e Gênero. Porque ele consegue articular, ao mesmo tempo, a pesquisa dedicada e o ativismo inter-institucional; ou seja, a dimensão prática e ativista de lutas institucionais que os estudos de gênero nos



impulsionam a fazer, ao mesmo tempo que organizar, por meio de pesquisas teórico-empírica, os melhores argumentos e dados necessários às lutas locais. Além da dimensão ética e política da narrativa que conta a história de constituição da Rede, o artigo traz dados e pesquisas empíricas, como o modelo da "tempestade perfeita" e a "escala Likert", que se soma ao tipo de trabalho proposto historicamente pelo Nexos e que reconhecemos neste dossiê. Apresentado como um cenário complexo, em que diferentes fatores se articulam, o artigo mostra que a pouca presença de pensadoras nos currículos e universidades (especialmente na área de Filosofia) tem consequências decisivas no baixo número de estudantes mulheres nas pós-graduações. Os modelos teóricos e empíricos utilizados no artigo permitem articular algumas hipóteses para essa ausência. Como consequência, também apresenta sugestões e estratégias de ações institucionais para implementação de políticas de equidade de gênero. O artigo termina contando sobre a criação da "Rede Brasileira de Mulheres Filósofas" como parte desta estratégia no contexto do Brasil: conta a história, o funcionamento, as categorias de membros e dá acesso aos links e diferentes materiais produzidos. Nesse sentido, atua para que as políticas sigam se ampliando. A articulação entre pesquisa empírica, praxis feminista e teoria crítica se revela profundamente implicada no trabalho deste artigo. Talvez esta seja de fato a contribuição comum que este dossiê nos apresenta, no conjunto de seus diferentes textos e trabalhos de pesquisa.

Mais do que tentar dar uma consistência forçada a uma possível unidade entre todos estes trabalhos, queremos apenas reforçar o que já vínhamos pontuando desde o início: que quando a Teoria Crítica encontra os estudos de gênero, ela reencontra a sua dimensão de práxis implicada nas lutas do presente. Estas lutas ocorrem de diversos modos e em diferentes locais, e mais do que fundar uma noção de práxis em tal ou tal tradição, queremos aprender com todas o que de melhor podemos fazer, assim como os desafios. Tal como o trabalho da Rede de Mulheres Filósofas, faz sentido situar a Rede "Nexos - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar" neste mesmo caminho. O momento de criação da Rede, em meados de 2014, foi de uma auto-reflexão crítica e coletiva sobre o que estávamos fazendo como pesquisadoras recém professoras no meio de um congresso internacional de Teoria Crítica, em que ouvíamos as mesmas falas, dos mesmos pesquisadores e, especialmente, a baixíssima presença de mulheres professoras. Foi em uma conversa em uma praça que acreditamos que estava na hora de fazer algo para que o impulso crítico, que aprendemos com estes pesquisadores, pudesse não nos fazer arrefecer diante da repetição do mesmo.

O "Nexos - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar" nasceu assim como uma Rede Nacional de pesquisas e estudos com o objetivo de estabelecer colaborações, parcerias e, sobretudo, apoio mútuo, tanto para produção de conhecimentos teóricos e metodológicos em Teoria Crítica da sociedade, quanto para dar suporte ao difícil trabalho institucional em suas dimensões de afeto e cuidado coletivo. A Rede é composta por quatro sedes de pesquisas interinstitucionais, acrescidas das suas respectivas regionais. Essas sedes interinstitucionais estão cadastradas no CNPq no Centro-Oeste/Norte, Nordeste,



Sudeste e Sul conectando pesquisas locais, regionais e nacionais realizadas por professoras/es, pesquisadoras/es, estudantes de graduação e pós-graduação em diferentes regiões do nosso país. Tais pesquisas possuem uma base comum epistemológica - a Teoria Crítica da sociedade - e atua em temáticas, objetos e metodologias de acordo com os diferentes interesses das e dos pesquisadores. Sua composição congrega uma equipe de diversas áreas do conhecimento e, portanto, com forte perspectiva interdisciplinar.

Foi uma longa e dedicada construção para chegar a articular, além da rede nacional, também algumas parcerias internacionais porque não partimos de grupos já estabelecidos, com parcerias históricas. Nós fomos articulando e tecendo as parcerias que nos importavam. Assim, atualmente a Rede Nexos está inserida no Diretório do "Consórcio Internacional de Programas de Teoria Crítica"¹, da Universidade da Califórnia, Berkeley, sendo também parceira *International Herbert Marcuse Society*. Em virtude das parcerias nacionais e internacionais, o dossiê é constituído por artigos científicos produzidos tanto por membros da Rede "Nexos - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar", quanto por pesquisadoras/es convidadas/os. Os artigos aqui apresentados envolvem instituições das cinco regiões do país e agrega a conferência do pesquisador norte-americano Arnold Farr, fundador e ex diretor da Sociedade Internacional Herbert Marcuse, que nos oferece uma importante crítica ao etnocentrismo da Teoria Crítica. Seu ensaio², publicado neste dossiê em português e em inglês, intitulado "What's Critical About Critical Theory Again? Critical Theory, Ethnocentrism, Sexism, and Racism" e "O que é Crítico na Teoria Crítica? Teoria crítica, etnocentrismo, sexismo e racismo", honra este dossiê com uma reflexão potente sobre os limites internos da Teoria Crítica, abrindo todo um novo campo, necessário, de desenvolvimentos.

Ao sugerimos a expressão Teoria Crítica Tradicional para fecharmos este artigo, estamos fazendo diretamente uma analogia crítica ao ensaio de Max Horkheimer intitulado "Teoria Crítica e Teoria Tradicional" (1983), escrito nos anos 30 e que marcou substancialmente a nossa formação como pesquisadoras. Se a Teoria Tradicional, neste ensaio basilar, aparece como representante do positivismo e da neutralidade do conhecimento, enquanto a Teoria Crítica aparece como implicada com valores éticos e políticos no modo mesmo de fazer teoria, na escolha do objeto, sugerimos que a expressão Teoria Crítica Tradicional aponta para uma necessidade, sentida a partir da experiência como pesquisadoras da área, de mudanças nos modos de circulação do discurso

¹ <https://directory.criticaltheoryconsortium.org/organizations/nexos-critical-theory-and-interdisciplinary-research>

² O ensaio "*What's Critical About Critical Theory Again? Critical Theory, Ethnocentrism, Sexism, and Racism*" e "O que é Crítico na Teoria Crítica? Teoria crítica, etnocentrismo, sexismo e racismo" trata-se de uma conferência internacional ministrada pelo pesquisador Arnold Farr em um dos eventos científicos produzidos pela Rede "Nexos - Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar" intitulado de "Simpósio Internacional "NEXOS-Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar - Centro-Oeste": Gênero e Sexualidades, Cultura e Educação" no período de 28 a 30 de outubro de 2016 na sede Nexos - Centro-Oeste em Corumbá - MS com financiamento da FUNDECT/CAPES por meio do edital PAPOS e com o apoio do Programa de Pós-graduação em Educação do Campus do Pantanal da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.



acadêmico, nas práticas institucionais, nos limites e aberturas interdisciplinares e metodológicas, especialmente quando encontramos as lutas sociais e os estudos de gênero. É preciso rever os fundamentos mesmos da Teoria Crítica, como indicam Gayatri Spivak e Arnold Farr. Mais do que apontar, neste momento, os grandes problemas que acompanhamos, apostamos em uma Teoria Crítica Feminista propositiva e implicada nas questões fundamentais da violência contemporânea, nas práticas de cuidado e na contínua auto-reflexão sobre nossos lugares como intelectuais e produtoras de conhecimento em uma sociedade como o Brasil. O feminismo nos ensina que a coerência entre teoria e prática se faz menos nos discursos e categorias do que nos modos de estar no mundo, o que nos coloca em contínua auto-análise sobre as práticas e valores burgueses que absorvemos numa sociedade de classes, racista e misógina.

A organização deste dossiê "Nexos interdisciplinares entre Teoria Crítica e Gênero" abre assim, esperamos, um novo momento da Rede Nexos, até então dedicada a estabelecer pesquisas teóricas e empíricas de diferentes naturezas sobre temas como a personalidade autoritária, tecnologia e educação¹. De 2016 até 2023, muitas experiências institucionais e teórico-críticas atravessaram nossa formação como professoras, pesquisadoras e ativistas. Foram também anos que marcaram momentos muito difíceis para o Brasil e o mundo. O ano de 2016 marca o golpe contra a primeira presidenta mulher deste país. Marca também, para nós, a triste confirmação da importância das categorias que vínhamos trabalhando, com estudos sobre personalidade autoritária e redes sociais; ao mesmo tempo, a necessidade em apostar em ideias geradoras de ações. Desejamos que este dossiê seja uma ação neste sentido, de fazer parir um novo corpo, de pensamento, de conceitos, de práticas, de autoras, de metodologias e de novos modos de fazer e estar no mundo. Além dos desafios, nestes últimos anos abriu-se, simultaneamente, um campo novo de autoras, de possibilidades de fazer e pensar a Teoria Crítica, com muitos novos grupos e trabalhos sendo publicados, problematizando o cânone de dentro, e valorizando as lutas locais em articulação com as globais. Esperamos, com esse dossiê, que uma nova geração de pesquisas em Teoria Crítica emergja criativa, potente, amorosa, ousada, plural e radical.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1995.

¹ Além de um congresso internacional realizado na sede Nexos-Nordeste na cidade de Sobral no período de 01 a 05 de novembro de 2016, intitulado "II Simpósio Internacional de Teoria Crítica e I Encontro Nexos – Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar: As vicissitudes da experiência no mundo digital" (que articula o grupo de pesquisadoras/res de todos os Nexos com o trabalho realizado de 2014 a 2016), organizamos dois dossiês temáticos com os resultados do encontro: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/issue/view/207> e <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/issue/view/194>.



ADORNO, Theodor. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANTUNES, Deborah Christina; SOARES, Aline Rebouças Azevedo. Mulher e Política: o Discurso Autoritário em Entrevista a Manuela D'ávila no Programa Roda Viva de 2018. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr./jun. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CARVALHO, Gabriela Maria Dutra de; RAUPP, Graziela. A importância da telenovela como recurso pedagógico no reconhecimento das identidades sexuais. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr./jun. 2023.

COSTA, Virgínia. Negatividade no Reconhecimento: o debate entre Jessica Benjamin e Judith Butler. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr./jun. 2023.

FARR, Arnold. O Que Há De Crítico Na Teoria Crítica, Mais Uma Vez: Teoria Crítica, Etnocentrismo, Sexismo E Racismo. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr./jun. 2023.

FERREIRA, Isabella Fernanda; SANTOS, Rômulo. Ballestê Marques dos. Educação Social e a "caça" aos corpos das "bruxas" no capitalismo contemporâneo: um diálogo filosófico crítico entre Adorno e Foucault". **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr./jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976) São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**. Campinas: editora UNICAMP, 1995.

HORKHEIMER, Max. Teoria tradicional e Teoria crítica. In: CIVITA, V. (ed.). **Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno: textos escolhidos**. São Paulo: Abril, 1983.

ITOKAZU, Anastasia Guidi. Por uma ciência sucessora ecofeminista: uma crítica da dicotomia aparência-realidade subjacente. **Dossiê: Nexos**



Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

JUNIOR, Raimundo Sérgio de Farias, PORTAL Michele Seabra. Violência doméstica contra a mulher: narrativas de uma barbárie silenciada. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

LERNER, Celina. A Construção Do Gênero No Discurso Conservador: Uma Análise De Comentários Em Rede Social. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

MÖLLER, Giovanna Ramos. Contra o determinismo tecnológico: um olhar anticapitalista e feminista à tecnologia. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

RAMOS, Silvana de Souza; MARQUES, Beatriz Sorrentino; ARAÚJO, Carolina; AGGIO, Juliana Ortegosa. "A Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e a desigualdade de gênero na área da filosofia". **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

SILVA, Alex Sander. O pensamento crítico de Angela Davis: notas para se pensar uma educação interseccional. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

SPIVAK, Gayatri. *Feminism and Critical Theory*. **Women 's Studies**. Pergamon Press, 1978.

SPIVAK, Gayatri. **Crítica da Razão Pós Colonia: por uma história de um presente fugidio**. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2022.

VIEIRA, Camilla Araújo Lopes, GOMES, Rita Helena Sousa Ferreira, ANTUNES Deborah Christina, VASCONCELLOS, Francisca Denise Silva Vasconcelos. O não lugar da mulher na atenção primária. **Dossiê: Nexos Interdisciplinares Teoria Crítica e Gênero. Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v. 10, n. 23, abr/jun. 2023.

Recebido em: 30 de maio de 2023.
Aceito em: 15 de junho de 2023.
Publicado em: 17 de junho de 2023.

